



IDENTIDADES DE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS

DE BIOLOGIA PARA O ENSINO MÉDIO

GENDER IDENTITIES IN TEXTBOOKS

THE BIOLOGIA FOR SECONDARY EDUCATION

Luiz Henrique Moreira de Mello*

Sandra Vidal Nogueira*

Resumo

O presente Texto objetiva analisar a presença da clássica divisão social e econômica do mundo de homens e mulheres nos livros didáticos de Biologia para o Ensino Médio. Ao focalizar a descrição das identidades distintas, o estudo problematiza os conceitos de sexualidade e gênero em seu uso pedagógico. Neste trabalho, fez-se a opção metodológica pela pesquisa qualitativa, com caráter descritivo e documental (bibliográfico) e ênfase em procedimentos de análises de conteúdo. Foram selecionados livros didáticos usados no Ensino Médio, dentre as coleções aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), 2012. Na área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias – Componente curricular Biologia, um dos critérios de seleção dos livros diz respeito ao reconhecimento das formas de discriminação de gênero. Resta saber: como os conteúdos dos livros didáticos de Biologia para o Ensino Médio reafirmam discursos e identidades da matriz bipolar “masculino e feminino” nas relações de gênero?

Palavras-chave: Ensino de Biologia. Gênero. Livros Didáticos.

Abstract

This text aims to analyze the presence of classical social and economic division of the world of men and women in textbooks Biology for Secondary Education. By focusing on the description of the different identities, the study discusses the concepts of sexuality and gender in its educational use. In this work, there was a methodological option for qualitative research with descriptive and documentary, (literature) and emphasis on content analysis

*Luiz Henrique Moreira de Mello. Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Cerro Largo/RS. Professor das disciplinas de Ciências, Biologia e Química. Email: luiz_henrique_gaga@hotmail.com

*Sandra Vidal Nogueira. Professora do Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas e dos Cursos de Licenciatura, Doutorado em Educação, UFFS, Campus Cerro Largo/RS. Email: sandra.nogueira@uffs.edu.br

procedures. Textbooks were selected used in high school, among the collections approved by the National Textbook Program (PNLD), 2012. In the area of Natural Sciences and their Technologies - curricular component of the biology books selection criteria with regard to the recognition of forms of gender discrimination. The question is: how biology textbooks content for high school reaffirm discourses and identities of bipolar matrix "male and female" in gender relations?

Keywords: Biology teaching. Gender. Didactic books.

Considerações Iniciais

Este ensaio se propõe a analisar livros didáticos de Biologia usados no Ensino Médio e selecionados dentro do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), 2012. A tarefa proposta é problematizar os conceitos de sexualidade e gênero em seu uso pedagógico como uma dimensão plural para responder a seguinte pergunta: como os conteúdos dos livros didáticos de Biologia para o Ensino Médio reafirmam discursos e identidades da matriz bipolar “masculino e feminino” nas relações de gênero?

Tem-se a hipótese que a reafirmação da matriz bipolar “masculino e feminino” presente nos livros didáticos de Biologia encontra sustentação teórica na reprodução da clássica divisão social e econômica do mundo de homens e mulheres. Parte-se, com isso, do pressuposto de que toda relação com o saber, (com o apreender) é também relação com o mundo, com os outros e consigo. Não existe saber (de apreender) se não está em jogo a relação com o mundo, com os outros e consigo.

O desenvolvimento deste trabalho encontra amparo na importância dos estudos curriculares aprofundarem análises sobre os papéis sexuais relacionados ao conceito de gênero e sua pertinência na formação de profissionais para o ensino de Biologia.

No método, a opção feita é pela pesquisa de natureza qualitativa, com caráter descritivo e documental (bibliográfico) e ênfase em procedimentos de análises de conteúdo. Para a amostragem foram escolhidos oito livros, dentre as coleções aprovadas pela avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), 2012.

O desenvolvimento do trabalho sobre o tema: Identidade de gênero e livros didáticos de Biologia justifica-se no sentido de aprofundar estudos sobre os papéis sexuais relacionados ao conceito de gênero e sua pertinência na formação de profissionais para o ensino de Biologia.

Nesse sentido, fez-se a opção por tratar do tema tendo como ponto de partida o estudo de livros didáticos de Biologia para o Ensino Médio.

A pesquisa parte de uma amostra de oito obras, selecionadas dentre as coleções aprovadas pela avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Referencial teórico

O ensino de Biologia, de cunho enciclopédico e marcadamente conceitual, requer cada vez mais uma inserção engajada no mundo e, conseqüentemente, mecanismos educativos e didáticos mais eficientes de apropriação das problemáticas de nosso tempo.

Os temas biológicos, por sua vez, nos conectam com um coletivo maior que ultrapassa os limites territoriais de cidades e regiões, estabelecendo conexões variadas entre os conhecimentos, valores e posturas assumidas em diferentes culturas científicas.

Assim, conteúdos como a discriminação de gênero interessam, sobremaneira, a muitas pessoas em diferentes partes do mundo. Essas questões mais amplas, contudo, estão explicadas nos livros didáticos em espaços reduzidos e em paralelo ao texto principal. Elas precisam ocupar lugar de destaque!

Em face disto, o PNLD usa a noção de correção conceitual como sendo um preceito para que, com noções biológicas adequadas, seja possível estabelecer, nas práticas pedagógicas, conteúdos mais conectados com questões ampliadas, de interesses tanto locais e regionais, quanto globais e planetários.

Parte-se, com isso, do pressuposto de que toda relação com o saber, (com o apreender) é também relação com o mundo, com os outros e consigo. Não existe saber (de apreender) se não está em jogo a relação com o mundo, com os outros e consigo.

Desta forma, a atuação de jovens no mundo e expressa na produção didática da Área de Biologia para o Ensino Médio exige uma participação cidadã, o que indica que as concepções pedagógicas desenvolvidas no cotidiano das práticas educativas são indissociáveis do entorno social, cultural e político.

As coisas na vida estão entrelaçadas de tal maneira que para distingui-las necessitamos do discernimento de autocrítica em vez de discursos totalizantes, que mascaram as contradições impondo um tipo de pensamento único e/ou alternativas únicas. Não há ciência pura e tampouco neutra!

As relações se dão na linguagem e na memória são o recheio da vida e para tanto, a compreensão das relações sociais, das contradições inerentes à própria totalidade e historicidade do ser que é necessariamente um ser coletivo-social e em especial as contradições do processo educativo, faz-se indispensável para a compreensão da realidade.

A escola para mulheres e homens é a referência utópica por excelência. Nas falas cotidianas podemos constatar essa esperança. Em pleno século XXI, escolas encontram-se sobrecarregadas por crianças, jovens, mulheres e homens que buscam a melhoria material, intelectual e social para suas vidas.

As mudanças paulatinas ocorridas na educação, visando, sobretudo, o atendimento instrumental da sociedade, a foram tornando, pouco a pouco, meio, não finalidade para o desenvolvimento pleno do gênero humano.

Não seria demasiado reafirmar que o gênero humano deve ser o objetivo da educação, não instrumento, meio somente, para o bom funcionamento da máquina que engendra e sustenta o atual cenário social. Essa ideologia, que vem reduzindo a educação à pura esfera instrumental é, possivelmente, um dos efetivos e decisivos fatores da insatisfação em sala de aula: mulheres e homens aspiram serem tratadas e tratados como seres humanos, não como máquinas descartáveis.

O problema, que é estrutural e não ideológico, tem conduzido as escolas e os livros didáticos usados, de todos os níveis de formação, a uma nova perspectiva de conceber o sentido da educação e a sua configuração no âmbito social. O espaço escolar é chamado, então, a responder aos movimentos que têm forçado um rearranjo social.

Podemos, assim, com certa plausibilidade, afirmar: o espaço escolar e de sua produção é imprescindível para a implementação de uma cidadania legítima. Contudo, insistir num espaço institucional e de publicações didáticas meramente técnicas, visando unicamente o fortalecimento da razão instrumental – mesmo e apesar da sua imprescindibilidade, acreditamos, não responder mais, plenamente, aos anseios das mulheres e homens atuais.

De maneira mais focada, tomando por base a noção de gênero, observa-se o fato dela se constituir, num contínuo de elaborações, de cunho histórico e político, do feminino e do masculino nas relações vividas entre os sexos, com expressiva assimetria.

Apesar das crescentes e progressivas mudanças sociais, econômicas e culturais nas sociedades contemporânea e principalmente na geopolítica brasileira, em pleno século XX,

homens e mulheres ainda permanecem em situações desiguais nas várias esferas da vida social, relacionadas com a divisão sexual do trabalho.

O uso da terminologia “divisão sexual do trabalho” amplia a possibilidade de análise na direção da própria subestimação das atividades realizadas pelas mulheres nos contextos familiares, contribuindo sobremaneira para a percepção da enorme invisibilidade em que se encontra o trabalho feminino. Apesar disto, mostra-se necessário ir além, como forma de introduzir interpretações pontuais sobre outras dimensões igualmente relevantes, como por exemplo, as questões de classe social, de raça/cor e etnia, corte geracional, dos direitos de propriedade, do acesso a terra e da distribuição do poder na sociedade¹.

O conceito de gênero se refere, basicamente, aos aspectos de tudo aquilo que é vivenciado, gestual, corporal, culturalmente mediado e historicamente constituído na sociedade. Diz respeito às qualidades e características que pessoas e grupos atribuem a cada sexo, representando uma maneira particular de se referir às origens, exclusivamente sociais, das identidades subjetivas de homens e mulheres, tornando-se, assim, uma ferramenta poderosa nas mais variadas “construções sociais”. Para Tina Chanter,

Torna-se claro então que um pressuposto implícito engastado na ideia de que as feministas devem lutar pela igualdade com os homens é o de que as mulheres buscam igualdade com os homens privilegiados. Já que o privilégio se manifesta de modos que tipicamente beneficiam identidades brancas, de classe média e heterossexuais, definir o feminismo em termos de igualdade é, para todos os efeitos, engastar na definição de feminismo hipóteses de privilégio que desde o começo enviesaram tal definição.²

Discutir sexualidade hoje não cabe apenas no ambiente escolar, mas sim, em casa, com os amigos e amigas, com as pessoas, pois precisamos começar a enxergar e a compreender que somos todos e todas diferentes, independente da sua orientação sexual, classe social, aparência física ou a maneira como vivemos.

Precisamos antes de atacar ou julgar o outro, tentar fazer o mínimo possível de esforço para entender a situação na qual aquela pessoa se encontra. A escola é o lugar onde vamos ter uma grande riqueza de culturas, raças, sexos, gêneros, classes, fisionomias e religiões, mas para que possamos enxergar todos esses seres com suas diferenças, é preciso

¹DEERE, Carmen D.; LÉON, Magdalena. *O empoderamento da Mulher*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

²CHANTER, Tina. *Gênero: conceitos-chaves em Filosofia*. Tradução de Vinícius Figueira. Porto Alegre: ArtMed, 2011, p. 16.

primeiro despir-se do famoso e desnecessário preconceito, dos julgamentos e apontamentos de dedos pré-estabelecidos.

A incorporação da orientação sexual como tema transversal é um marco nesse debate porque indica a relevância desse tema para a educação. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação Sexual – PCNs Orientação sexual³, a sexualidade se expressa de diferentes formas nas escolas: por conceitos e ideias, tabus, preconceitos, estereótipos, comportamentos e atitudes tanto de discentes como de docentes. Por esse motivo, cabe à escola problematizar, questionar e ampliar seu conhecimento sobre sexualidade.

No entanto, existem expressões de preconceito, receio em relação às diferenças, homofobia, desinformação e desigualdade quando se fala ou se trabalha sexualidade, parecendo que os adolescentes colocarão a sua saúde em risco. Os pais ou os demais familiares criam tabus, pré-conceitos, e passam esses ensinamentos errados para seus filhos e filhas, fazendo com que esses jovens criem pensamentos, visões que não existem e comecem a dissipar por onde passam.

A escola deve sim adotar medidas que informem estudantes, professores/as, pais, funcionários/as, ou seja, toda a comunidade escolar, não somente sobre drogas, doenças sexualmente transmissíveis, mas também debater e esclarecer os mitos e tabus que existem sobre a sexualidade e questões de gênero.

É preciso conhecer melhor os paradigmas que envolvem a sociedade contemporânea, pois nascemos predestinados a nos adaptar às suas inter-relações morais e até então éticas, caso contrário você se sentirá excluído/a e não pertencente ao seu corpo legislativo, psicológico e físico.

Alceu Ferraro⁴, em síntese, reforça a tese de que ampliar o conceito de gênero significa ir além da percepção de que este seja apenas a consideração dos papéis socialmente atribuídos para mulheres e homens. Existe uma vinculação direta entre gênero, raça e classe, portanto, não se pode associar o feminismo como sendo um movimento pela

³ BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação Sexual – PCNs Orientação sexual*. Brasília: MEC, 1996.

⁴FERRARO, Alceu. *Escolarização no Brasil: articulando as perspectivas de gênero, raça e classe social*. In: *Educação e Pesquisa*, vol. 36, no. 2, pp. 505-526, 2010.

igualdade, mas de modo essencial, uma luta contra todo tipo de opressão, força esta que não está condicionada exclusivamente ao sexismo.

Metodologia

Neste trabalho fez-se a opção metodológica por uma pesquisa de natureza qualitativa, com caráter descritivo e documental (bibliográfico) e ênfase em procedimentos de análises de conteúdo.

De acordo com Laurence Bardin, análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando a obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo, que permitam a inferência de conhecimentos relativos, as condições de produção; essa técnica pode aplicar em todas as formas de comunicação.⁵

Para realizar o estudo foram selecionados 8 (oito) livros didáticos usados no Ensino Médio, PNLD, 2012. Eles estão descritos a seguir: 1º) BIZZO, Nélio. *Novas bases da Biologia*. Volume I. São Paulo: Editora Ática; 2º) CATANI, André Catani ET alii. *Ser protagonista – Biologia*. Livro do 1 ano. São Paulo: Edições SM; 3º) GEWANDSNAJDER, Fernando; LINHARES, Sérgio de Vasconcellos. *Biologia hoje*. Volume III. São Paulo: Editora Ática; 4º) MARTHO, Gilberto Rodrigues; AMABIS, José Mariano. *Biologia*. Volume I. São Paulo: Editora Moderna; 5º) MENDONÇA, V.; LAURENCE, J. *Biologia*. Volume III. São Paulo: Editora Nova Geração; 6º) PEZZI, Antonio Carlos; GOWDAK, Demétrio; MATTOS, Neide Simões. *Biologia*. Volume III. São Paulo: Editora FTD ; 7º) ROSSO, Sérgio; LOPES, Sônia. *Bio*. Volume II. Editora Saraiva; 8º) SILVA Junior, César; SASSON, Zezar; CALDINI, Nelson. *Biologia*. Volume II. São Paulo: Editora Saraiva.

Para a leitura dos Livros, em termos do estudo sistemático e analítico foi usada à noção de sentença mapeada⁶ – categorias de análise, escolhida como ferramenta semântica para fornecer uma descrição conceitual mais precisa e detalhada das concepções vigentes, reunindo dados e informações, além de identificar possíveis convergências e divergências epistemológicas.

A sentença mapeada foi construída a partir de três indicativos sugeridos pelo PNLD, quais sejam: a) a tensão, constituinte do que pode vir a ser o conhecimento escolar, entre os

⁵BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edição 70, 1977, p. 20.

⁶LEWIS, Arieh. *Avaliação de currículo*. Tradução de Sandra Maria Carvalho de Paoli e Letícia Rita Bonato. São Paulo: EDUSP, 1979.

conhecimentos científicos, os conhecimentos cotidianos e os conhecimentos das mais diversas experiências socioculturais dos discentes e professores/as; b) a importância da interpretação científica da realidade apresentada nos textos, imagens e atividades dos livros didáticos; c) a atuação mais significativa de estudantes nos processos de aprendizagem de Biologia, potencializadas pelas experiências de imersão nos tempos digitais.

No primeiro livro analisado *Novas Bases da Biologia*, identifica-se que os temas e conceitos tradicionais são complementados às temáticas atuais. O livro é bem ilustrado e a dinâmica utilizada na ilustração das imagens é capaz de proporcionar uma boa interpretação visual do conhecimento científico estudado. Apesar de o tema da sexualidade ser tratado a partir de uma abordagem clara e objetiva, agrega valor apenas à sua dimensão fisiológica, visto que a questão teórica é focalizada sob o ponto de vista predominantemente biomédico. Nessa obra percebe-se, ainda a inexistência de espaços de debates sobre as experiências cotidianas de professores/as e estudantes. Ao trabalhar a sexualidade em sua dimensão social, o assunto ganharia abrangência para outras vertentes, como por exemplo, diferentes arranjos familiares, conceito de família, dentre outros.

No segundo livro analisado, *Ser protagonista*, é perceptível ver que a proposta pedagógica abrange dimensões de competência, habilidade, interdisciplinaridade e contextualização. Ao analisar as imagens percebe-se que o conjunto de ilustrações é bem elaborado e adequado para a interpretação de estudantes. Os conteúdos de Biologia estão todos organizados e articulados com as relações étnico-raciais, de sexualidade, de gênero, sociais e culturais, proporcionando espaços para a exploração de conhecimentos prévios a partir das narrativas e vivências individuais e coletivas. Pode-se constatar, ainda nessa obra, que a mesma se adequa aos três indicativos sugeridos pelo PNLD.

No terceiro livro analisado, *Biologia hoje*, a obra se diferencia das demais por apresentar uma variedade de recursos voltados ao ensino digital, principalmente por trazer vídeos e imagens, que podem ilustrar os conhecimentos trabalhados. Apesar disto, a obra possui uma abordagem crescente de conteúdos, indo ao encontro da complexidade de conceitos biológicos e de perspectivas pedagógicas. Quanto aos conceitos biológicos são contextualizados por meio de informações históricas e discussões acerca das principais controvérsias relacionadas à sua construção científica na história da humanidade. Não há, porém, a sinalização para contextualizações de cunho cultural e social em temas relacionados à sexualidade e gênero.

No quarto livro, *Biologia* volume I, no quinto livro, *Biologia* volume II e no sexto Livro analisados, *Biologia* Volume III, respectivamente, as obras introduzem conceitos estudados na Biologia relacionando-os com questões cotidianas, de natureza cultural e social. O tema da sexualidade e as discussões sobre gênero não são evidenciados nas obras, no entanto, as páginas são bem ilustradas e há muitas indicações para aprofundar os estudos com material pedagógico de apoio satisfatório.

No sétimo livro, *Bio* Volume II, a obra faz uma contextualização articulada e coerente entre a fundamentação teórico-metodológica e a proposta pedagógica explicitada. Desse modo, os conjuntos de textos, exercícios e atividades enriquecem o livro destinado aos estudantes. Na abordagem de conteúdos e nas orientações de atividades, consta-se um diversificado material de apoio representado por recursos ilustrativos e digitais, que acabam propiciando situações de diálogo e manifestação dos conhecimentos prévios dos próprios estudantes. Apesar desses atributos, o livro não faz menção alguma às discussões atuais sobre gênero e sexualidade.

No oitavo livro, *Biologia Volume II* não há nenhuma menção sobre sexualidade ou gênero. As páginas são bem ilustradas e há indicações para aprofundamento dos estudos com material pedagógico de apoio. |

Considerações Finais

| A incorporação da orientação sexual, por sua vez, como tema transversal nas políticas educacionais brasileira, é um marco nesse debate porque indica a relevância do tema para a Área da Educação e afins. De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), através dos Temas Transversais (TT) Orientação Sexual e Pluralidade Cultural*, publicado em 1996, têm se esforçado para introduzir a temática das relações de gênero no currículo escolar, além de ser um instrumental analítico que auxilia no desvelamento das relações sociais. Trata-se de diferenciar o sexo biológico da identidade masculina e feminina, construídas culturalmente. Os PCNs empregam o conceito *gênero* para explicitar o conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de ‘masculino’ e ‘feminino’ como construção social.

Dos oito livros analisados apenas dois deles mencionam questões de sexualidade e gênero como temas de discussão e estudo. Um resultado preocupante para o atual cenário

educacional brasileiro. O livro didático, ao se configurar na histórica educacional como um importante instrumento de apoio pedagógico, tornou-se também uma referência na formação anual de milhares de crianças e adolescentes.

Quando os/as professores/as atribuem ao livro o papel dele ser um guia de conhecimentos ou um roteiro a ser seguido, rigorosamente, acabam se limitando a seguir apenas os conteúdos sequenciais agregados ao material didático, perdendo a própria autonomia como protagonista. Temas como sexualidade e gênero, mesmo não presentes em conteúdos de livros didáticos, devem ser temas de estudo numa sala de aula, sempre que houver espaço para esse tipo de debate.

Resta saber por que as discussões sobre gênero e sexualidade, numa perspectiva cultural e social são quase abolidas dos livros didáticos, em pleno século XXI? Qual seria a justificativa usada para a ocultação desses assuntos no ensino contemporâneo?

Pensando todo esse cenário numa perspectiva mais interdisciplinar e, portanto, de avanços epistemológicos, podemos concluir que os mais prejudicados com tais restrições analíticas são os estudantes que acabam ficando desinformados e distantes das realidades em seus processos de formação.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edição 70, 1977.

BIZZO, Nélio. *Novas bases da Biologia*. vol. I. São Paulo: Editora Ática, 2012.

BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação Sexual – PCNs Orientação sexual*. Brasília: MEC, 1996.

CATANI, André Catani ET alii. *Ser protagonista – Biologia*. Livro do 1 ano. São Paulo: Edições SM, 2012.

CHANTER, Tina. *Gênero: conceitos-chaves em Filosofia*. Tradução de Vinícius Figueira. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

DEERE, Carmen D.; LÉON, Magdalena. *O empoderamento da Mulher*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

FERRARO, Alceu. Escolarização no Brasil: articulando as perspectivas de gênero, raça e classe social. In: *Educação e Pesquisa*, vol. 36, no. 2, pp. 505-526, 2010.

GEWANDSNAJDER, Fernando; LINHARES, Sérgio de Vasconcellos. *Biologia hoje*. vol. III. São Paulo: Editora Ática, 2012.

LEWIS, Arie. *Avaliação de currículo*. Tradução de Sandra Maria Carvalho de Paoli e Letícia Rita Bonato. São Paulo: EDUSP, 1979.

MARTHO, Gilberto Rodrigues; AMABIS, José Mariano. *Biologia*. vol. I. São Paulo: Editora Moderna, 2012.

MENDONÇA, V.; LAURENCE, J. *Biologia*. vol. III. São Paulo: Editora Nova Geração, 2012.

PEZZI, Antonio Carlos; GOWDAK, Demétrio; MATTOS, Neide Simões. *Biologia*. vol. III. São Paulo: Editora FTD, 2012.

ROSSO, Sérgio; LOPES, Sônia. *Bio*. vol. II. Editora Saraiva, 2012.

SILVA JUNIOR, César; SASSON, Sezar; CALDINI, Nelson. *Biologia*. Vol. II. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.